

Mulheres protagonistas na obra de Pramoedya Ananta Toer

Maria Johanna Schouten

Centro de Estudos Sociais da Universidade da Beira Interior (UBI_CES)

INTRODUÇÃO

Pramoedya Ananta Toer é geralmente considerado o escritor mais importante da Indonésia do século XX, período em que este país conheceu o colonialismo holandês, a ocupação pelos japoneses, a luta pela independência (proclamada em 1945 e oficializada em 1949) e, depois, regimes políticos de vários teores.

Na obra de “Pram”, como este autor normalmente é chamado na Indonésia, um tema frequente é a desigualdade na sociedade e a condição dos menos favorecidos: os indonésios no contexto colonial; as classes humildes no sistema feudal e também as mulheres no patriarcado.

É sobre este último que nos focalizaremos nesta comunicação.

A RAPARIGA DA PRAIA

Como ilustração, apresento uma das obras melhor sucedidas de Pramoedya, a novela *Gadis Pantai*, ou seja, *A Rapariga da Praia*, que na sua tradução em Portugal (Quetzal, 2002) obteve o título *A Rapariga de Java*¹.

A história, decorrida por volta de 1900, é a de uma jovem duma pobre aldeia piscatória na costa norte de Java, e que aos 14 anos é forçada a casar com um homem da nobreza, que vive na cidade. Esta união, que se formaliza praticamente sem cerimónia e sem a presença do noivo, causa grande impressão na família e nos aldeões. Mas a rapariga tem dificuldade em adaptar-se à vida luxuosa na mansão do marido e à alteração do seu estatuto.

¹ Traduzido a partir da versão inglesa por Maria José Miranda Mendes; este livro já foi por várias vezes re-editado.

Embora tenha uma série de criados ao seu dispor, está completamente entregue aos caprichos do marido. A rapariga apercebe-se, gradualmente, que para o seu marido ela é apenas uma *isteri percobaan*, ou seja, «esposa provisória», e que esta união serve ao marido como preparação para um verdadeiro casamento com uma mulher da sua classe. Passado algum tempo, ela regressa à aldeia forçada a deixar a sua filha recém-nascida na residência senhorial na cidade.

Expressivo é que o nome da protagonista nunca é revelado no livro. Para o autor, esta “rapariga da praia” é o símbolo de tantas outras mulheres e raparigas que têm e tiveram um destino semelhante.

O livro pode ser lido como uma denúncia da injustiça baseada em género, mas também daquela baseada em classes. No sistema feudal de Java, os habitantes pobres da praia isolada são vítimas fáceis das classes superiores que residem no centro administrativo-comercial-religioso. Os homens desta classe costumavam ter várias mulheres em categorias diferentes; estas mulheres eram elementos nas estratégias de construir e manter redes e eram peões em jogos de negociação e de chantagem. Esta função acrescentava-se aos papéis que elas desempenhavam, como esposas subservientes e representativas, e de mães, preferencialmente de rapazes.

AS RAIZES LITORAIS DE PRAMOEDYA

Vários dos romances e contos de Pramoedya Ananta Toer têm como protagonistas mulheres da zona litoral, em particular o norte da Java central. É a zona de onde o escritor era oriundo e a sua cidade natal de Blora é referida de passagem no romance sobre a rapariga da praia. Este livro contém outra peculiaridade da biografia de Pramoedya, já que a sua avó também tinha sido uma «esposa provisória», que teve de abandonar a sua filha, a mãe do escritor.

O pai de Pramoedya era director de uma escola básica, cujo vício de apostar levou a família à falência. Pramoedya, o mais velho de nove irmãos, seguiu, após a escola primária, um curso profissional e, aquando da ocupação japonesa de Java, trabalhou como estenógrafo e jornalista. Deixou para trás a região natal, mas nas suas obras Blora e a zona litoral têm um lugar de destaque.

KARTINI

Para além da «rapariga da praia», houve outras mulheres do norte de Java a quem Pramoedya dedicou obras. Significante é o seu livro sobre Kartini. Desta vez não se trata de uma mulher anónima, mas de uma cujo nome hoje é conhecido em toda a Indonésia. São os aspectos trágicos e descabelados da sua vida que Pramoedya sublinha na sua biografia *Panggil aku Kartini saja* (“Chamem-me simplesmente Kartini”), livro publicado em 1962.

Kartini (1879-1904), filha do *bupati* (príncipe) de Jepara, frequentou uma escola europeia onde se destacou pela sua inteligência e ambições. Queria prosseguir os seus estudos, na Indonésia ou mesmo na Holanda, mas estudar implicava sair da casa paterna, o que não era próprio de uma adolescente da aristocracia javanesa, segundo o *adat* (tradição) em vigor nesses círculos. Os holandeses colonizadores, com receio de provocar distúrbios e confusão, não queriam interferir nestes costumes, considerados seculares e imutáveis. Esse *adat* servia bem aos holandeses, já que tinha regras fixas de hierarquia e implicava uma obediência aos superiores, em última análise os holandeses.

Kartini levou os seus pedidos para estudar até ao mais alto nível, inclusivamente ao Governador-Geral em Batávia (hoje Jacarta), mas não foram diferidos. Foi autorizada, isso sim, a estabelecer uma escola local para raparigas. Na sua correspondência e nas suas publicações, num neerlandês belo e impecável, e nos seus contactos pessoais com figuras holandesas salientava o seu ideal: a emancipação da mulher da Indonésia, a ser realizada pelo ensino e pela abolição de certas práticas tais como a poligamia, que condenou veementemente. Não obstante, foi compelida a tornar-se a quarta esposa do *bupati* do principado vizinho de Rembang. No ano depois morreu das sequelas do parto.

No seu retrato de Kartini, Pramoedya sublinha as dimensões de desigualdade no contexto em que vivia. A não realização das suas ambições foi, em parte, culpa das autoridades coloniais, em combinação com as estruturas hierárquicas da sociedade javanesa, que relegaram as mulheres para um papel secundário. O governo colonial mantinha, aliás, ainda durante muito tempo depois uma atitude de rejeição quando confrontado com as ambições emancipatórias de mulheres indonésias.

Pramoedya salienta o carácter moderno do pensamento de Kartini. Ela foi uma das primeiras na Indonésia a interrogar os valores e os hábitos tradicionais e a

querer superar as barreiras entre as classes. A abordagem de Pramoedya é apenas uma das várias visões sobre Kartini², mas não deixa de ser significativa que o seu livro foi publicado nos anos sessenta, aquando da presidência de Soekarno, mais ou menos em simultâneo com a proclamação de Kartini como heroína nacional da Indonésia.

ESCRITOR PERSEGUIDO

Vida e obra de Pramoedya têm sido ligadas a causas sociais e políticas, razões pelas quais o escritor passou muitos anos da sua vida na prisão, sob regimes diferentes. Como jovem de vinte anos, aliou-se às forças armadas indonésias em prol da consolidação da independência. Foi preso pelos holandeses e neste primeiro período de cativeiro, de 1946 até 1949, escreveu e preparou várias obras com temas que mais tarde na sua carreira de escritor seriam recorrentes. Traçou a guerrilha, as crueldades e o papel das mulheres como vítimas, mas também como instigadoras de violência³. Deste período datam também as memórias amargas e doces da sua terra natal, publicadas em *Cerita dari Blora* («Contos de Blora»), entre as quais a comovente «Inem», sobre uma criança que aos oito anos casou com um homem violento e para quem não havia meio de escapar à vida de violência e abuso sexual.

O período de detenção mais prolongado (1966-1979) foi durante o regime de Soeharto. Sem acusação ou processo, Pramoedya foi exilado para a longínqua ilha de Buru, nas Molucas, e nos primeiros anos não foi autorizado a escrever. Mas o processo criativo não parou - ele contou os seus «livros» aos outros prisioneiros, memorizou fragmentos, e, mais tarde, registou tudo no papel, de maneira que, após a sua libertação, nos anos oitenta, vários livros foram publicados. Entre estes, o mais conhecido e aplaudido foi a tetralogia «Quarteto Buru»⁴, uma narrativa do movimento independentista indonésio nas primeiras décadas do século XX. Embora a figura principal seja masculina, os depoimentos de mulheres têm um papel fundamental para a linha do romance. De carácter forte e impressionante (e mesmo

² Danilyn Rutherford (1993) “Unpacking a national heroine: Two Kartinis and their people”, *Indonesia* nº 55, pp. 23-40.

³ *Mereka jang dilumpuhkan*, dois volumes (1950 - 1951).

⁴ Constituída pelos seguintes livros: *Bumi Manusia* («Terra da Humanidade»); *Anak Semua Bangsa* («Filho de todas as Nações»); *Jejak Langkah* («Pegadas»); *Rumah Kaca* («Casa de Vidro»).

a «heroína» do primeiro volume) é Nyai Ontosoroh. Pramoedya relata como ela passou uma vida de exploração e rejeição tanto do lado dos javaneses como pelos holandeses. Tornou-se a concubina de um holandês, uma posição submissa em que não pertencia nem ao seu mundo de origem, nem ao dos europeus. Contudo, esta posição também oferece a oportunidade de mediação e no caso de Nyai Ontosoroh, ela conseguiu tornar-se numa mulher de negócios com êxito.

É um dos pontos fortes do trabalho de Pramoedya que, ao denunciar a desigualdade e injustiça nas relações entre homens e mulheres, não se limita a retratar as mulheres como vítimas. Mostra vários casos de *female agency*, ou seja, o aproveitamento pelas mulheres das oportunidades que surgem.

É este espírito, o de detectar e denunciar injustiças mas ao mesmo tempo acreditar na possibilidade das pessoas de fomentar mudanças, que imbui a obra de Pramoedya Ananta Toer.

ANEXO

De Pramoedya Ananta Toer foram publicados em Portugal:

Esta Estranha Terra (no original: *Bumi Manusia*). Quetzal, 2003. ISBN:
9789725645567

A Rapariga de Java (no original: *Gadis Pantai*). Quetzal, 2002. ISBN:
9789725645277

Fabulosa Jacarta (no original: *Tjerita Dari Djakarta*). Quetzal, 2003. ISBN:
9789725645765

Solilóquio Mudo (no original: *Nyanyi Sunyi Seorang Bisu*). Quetzal, 2001. ISBN:
9789725644676